

## POR DETRÁS DAS PEDAGOGIAS DO APRENDER A APRENDER NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Félix Matias <sup>1</sup>

### RESUMO

Pensar a educação escolar constitui uma demanda necessária e permanente na busca de soluções face aos enormes desafios que caracterizam o trabalho educativo na sociedade contemporânea. E a formação de professores é uma componente de educação escolar que deve ser pensada e encarada com maior cuidado, tendo em conta o tipo do profissional que dela resulta, bem como o compromisso político e técnico-pedagógico necessários para o futuro professor no desempenho das suas funções docentes. Neste artigo resgata-se uma reflexão relativa à forma como os processos formativos estão sendo concebidos e conduzidos em termos pedagógicos na atualidade. Trata-se de uma contribuição para a formação de professores, uma área cujas últimas décadas tem sido marcada pelas teorias pedagógicas do “aprender a aprender”, onde a preocupação é de formar um professor reflexivo, cuja pedra angular do processo centra-se no aluno. Desta forma, a discussão aqui resgatada é necessária objetivando compreender o que está por detrás dessa concepção pedagógica. Como base metodológica neste estudo está o materialismo histórico-dialético, através dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica, uma teoria pedagógica que se mostra coerente nas suas contribuições, ajudando a compreender o objeto em alusão. A fonte de dados neste estudo é de natureza bibliográfica. Com efeito, os dados conduziram a conclusão de que, por detrás da pedagogia do “aprender a aprender” há uma ideologia oculta de esvaziar os conteúdos escolares, os clássicos, e descaracterizar a função do professor, bem como o papel social da escola, condicionando assim a formação intelectual e a humanização do homem, pois isso interessa e muito à classe dominante.

**Palavras-chave:** Pedagogia, Aprender a aprender, Formação de professores, Pedagogia Histórico-Crítica.

### INTRODUÇÃO

Uma das reflexões que se fazem necessárias no campo de educação diz respeito às chamadas pedagogias do “aprender a aprender” (PAA), sobejamente conhecidas na formação de professores. Concepções essas que advogam práticas educativas voltadas para ao empírico, a espontaneidade, o saber fragmentado e as experiências e competências de cada indivíduo, em detrimento do saber escolar e da cultura erudita. É sobre isso, que este trabalho se propõe a analisar, no sentido de compreender o que de fato está por detrás dessas concepções pedagógicas que embasam os processos formativos nas últimas décadas. Procuramos neste estudo resgatar uma discussão com um pensamento oposto aos que exaltam a importância

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, Campo Grande, MS. Email: [felixmatiasney@email.com](mailto:felixmatiasney@email.com);

dessas teorias hegemônicas. Trata-se de ilustrar o que realmente encontra-se oculto nessas pedagogias do “aprender a aprender”.

A educação escolar enquanto dimensão social é caracterizada pela complexidade de suas práticas, pois envolve vários fatores que a influenciam, ao mesmo tempo que são por ela influenciados. A formação de professores não é alheia a essa complexidade, afinal não há neutralidade nos processos educativos, uma vez que, consciente ou inconscientemente atende alguma concepção teórica, que por sua vez esta atende os interesses de uma determinada classe social. Trata-se de uma realidade ontológica (centralidade no objeto em estudo e seus movimentos reais, nas suas múltiplas determinações), que faz com que refletir os processos formativos seja uma tarefa permanentemente necessária, principalmente na sociedade contemporânea na qual os ideais do capitalismo parecem diluir a verdade e a mentira, o certo e o errado, afetando os diversos setores sociais, incluindo o trabalho educativo no ambiente escolar.

Nos últimos tempos assiste-se constantes transformações no campo de educação, com adaptação de novas formas de encarar o trabalho educativo, caracterizadas pela difusão das chamadas pedagógicas do “aprender a aprender” – que são concepções pedagógicas que defendem as práticas educativas voltadas para a construção do conhecimento pelo próprio alunos, negando a ideia de ensinar e colocam o professor no lugar de um simples acompanhante, facilitador, orientador, alguns destes modelos emergem dos ideários pedagógicos pós-modernos e neoliberais, e são essas concepções que alicerçam a formação do professor na atualidade.

Essas PAA advogando o abandono dos modelos e práticas clássicas de ensino e a adoção de novas práticas, novos métodos, os quais são sobejamente conhecidos por métodos participativos, muito presentes na formação de professores. Ora, a implementação dos currículos escolares concebidos na base dessas pedagogias é feita sem uma profunda reflexão da sua essência, que se encontra oculta ao plano da aparência, como consequência verifica-se um insucesso escolar quase generalizado. É nessa esteira que nossa reflexão neste trabalho cinge-se na seguinte no seguinte: qual é a essência das pedagogias do “aprender a aprender”, ou seja, o que está por detrás dessas concepções pedagógicas?

Neste artigo, analisamos os aspectos que estão por detrás dessas pedagogias do “aprender a aprender” na formação de professores, isto é, aquilo que tais concepções pedagógicas ou práticas educativas que tanto são disseminadas representam carregam na sua essência, haja vista que não há neutralidade no processo educativo, e que toda concepção pedagógica tem consigo tendências ou aspectos ideológicos que atendem os interesses de uma determinada classe social.

Para o alcance desse objetivo, resgatamos os quatro posicionamentos valorativos apontados por Duarte (2001) em relação às pedagogias do “aprender a aprender”, bem como as cinco principais ilusões da chamada sociedade de “conhecimento”. Estes e outros aspectos ajudam a compreender essência dessas pedagogias hegemônicas, as quais fundamentam os processos de formação de professores na atualidade.

## **METODOLOGIA**

No que concerne aos delineamentos metodológicos que tornaram possível a realização deste estudo, importa referir que se trata de um estudo bibliográfico, cuja busca baseou-se na literatura vinculada à Pedagogia Histórico-Crítica. A análise foi efetuada mediante os procedimentos sugeridos por Minayo (2013). Desta forma, cinco principais momentos caracterizaram o processo de busca e produção do conhecimento neste objeto, quais sejam: 1) a definição dos descritores; 2) busca e seleção das publicações acadêmicas que tenham relação com os processos formativos na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, nas várias plataformas bibliográficas virtuais, 3) processo de leitura e aprofundamento do material selecionado; 4) identificação das categorias e sua respectiva análise; e 5) produção do presente relatório de pesquisa (artigo).

Essas etapas foram fundamentais na condução dessa reflexão, cuja fonte de dados é bibliográfica, pois trata-se de um estudo bibliográfico. As categorias da análise foram extraídas do próprio objeto, não sendo predeterminadas pelo pesquisador, isso para valorizar o aspecto ontológico, ou seja, a centralidade no objeto, que é o que permite a aproximação da essência do objeto estudado.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta discussão tomamos como referencial teórico os pressupostos do materialismo histórico-dialético. E tratando-se de um estudo vinculado à área de educação, as discussões aqui apresentadas estão fundamentadas na pedagogia histórico-dialético (PHC), uma concepção pedagógica cuja origem alinha-se ao pensamento ontológico de Marx. Entendemos que os fundamentos da PHC nos ajudam a compreender e apreender os elementos que permitem nos aproximar da essência do objeto estudado, uma vez que valoriza a sua origem, estrutura e as dinâmicas do seu desenvolvimento bem como a sua função social.

Ademais é preciso perceber que a formação de professores tem uma importante função social, pois se trata de um complexo importante no processo de humanização do homem, daí a necessidade da sua compreensão como parte indispensável para a transformação da realidade.

A terminologia “aprender a aprender” não é nova, pois vem ao longo de várias décadas, como resultado da construção dos pensamentos teórico-pedagógicos hegemônicos, voltados aos pensamentos da educação escolar. De acordo com Duarte (2001), este termo (aprender a aprender) foi usado como lema propagado pelo movimento escolanovista e ganhou ainda mais força na retórica de várias concepções educacionais contemporâneas, principalmente no construtivismo.

No mundo inteiro a lógica do “aprender a aprender” encontra-se presente nos vários artigos, livros, documentos normativos oficiais, na qual é considerada como um suposto instrumento progressista e inovador, um símbolo de educação do século XXI. Algumas interpretações equivocadas colocam a psicologia de Vigotski como sendo um dos pilares das concepções educacionais centradas no “aprender a aprender”, entretanto, Newton Duarte em sua obra “Vigotski e o aprender a aprender críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana” nega essa interpretação equivocada, explicitando que, a psicologia vigotskiana diz respeito à construção de uma pedagogia crítica e historicisadora, isto é, que valoriza a origem, a estrutura e o desenvolvimento bem como a função social da educação, o que lhe diferencia dos pensamentos neoliberais e pós-modernos.

Ora, os processos de formação de professores do período contemporâneo são baseados nas chamadas abordagens por competências, juntando-se às exigências na qual colocam o foco no aluno, como o centro do processo, exaltando-se os chamados métodos ativos, em referência aos ideários que tiveram sua origem no movimento escolanovista.

Portanto, a Pedagogia Histórico-Crítica tem fundamentos opostos aos defendidos pelas pedagogias do “aprender a aprender”, pois, entende que a educação escolar, em particular a formação de professores centra-se na premissa de que é a escola o lugar por excelência onde deve ocorrer o processo de transmissão do “[...] conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular” (SAVIANI, 2011, p. 14). É em razão disso que esta concepção teórica advoga a ideia de que os processos formativos devem assegurar o pleno desenvolvimento cognitivo e a plena humanização do homem.

Este fundamento faz com que o lugar do professor não seja o mesmo defendido pelas pedagogias do “aprender a aprender”, nas quais o professor é visto como um simples acompanhante, facilitador, orientador, observador, etc., de uma autoaprendizagem do aluno, o

que na opinião da PHC é contraditório, descaracteriza não só o papel do professor, como também a função social da escola. Por isso, esta perspectiva pedagógica histórico-crítica tem se configurado como uma ferramenta importante para refletir criticamente sobre as práticas educativas desenvolvidas principalmente no período contemporâneo em que estamos inseridos.

Como referimos anteriormente, tomamos como problematização norteadora: o que está por detrás das concepções pedagógicas do “aprender a aprender”, onde fazem parte as práticas de formação por competências, do professor reflexivo e demais práticas educativas que tanto se disseminam na educação contemporânea, principalmente na formação de professores?

Ora, nas pedagogias do “aprender a aprender” os processos formativos passaram de uma lógica do ensino para uma lógica de treinamento (*coaching*), que se baseia numa postura relativamente simples, na qual as competências são construídas a partir do saber fazer, ou seja, há uma supervalorização da prática em detrimento da teoria. Portanto, ao analisar este objeto a partir da Pedagogia Histórico-Crítica, estamos reconhecendo o fato de que as capacidades de raciocinar, agir, e as demais funções psíquicas superiores não são alcançadas com base em ações simples, mas sim em ações complexas, que devem ser produzidas direta e intencionalmente, e que o professor tem um papel fundamental nesse processo. Trata-se, então, de advogar uma lógica de formação de professores diferente à aquela defendida pelas pedagogias hegemônicas. Daí a importância da PHC nesta reflexão.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A educação escolar enquanto dimensão social sempre sofreu influências de vários fatores, tanto de natureza socioeconômicos, políticos, culturais, e principalmente ideológicos onde inclui as várias teorias educacionais e/ou concepções pedagógicas, fatores esses que tornam a educação escolar a ainda mais complexa. Aliás, é preciso ter em conta que nem todas as teorias pedagógicas na sua essência cumprem o papel social da escola, que é de socializar conhecimentos nas suas formas mais elaboradas, e isso implica superar os conhecimento empírico, o saber fragmentado e a cultura popular.

Dentre as várias as pedagogias do “aprender a aprender” podemos encontrar aquelas que advogam uma formação de professores baseada em modismos educacionais, como é o caso da pedagogia das competências, concepção escolanovista, o construtivismo, interacionismo, entre outras.

A pedagogia da Escola Nova por exemplo foi apontada por Perrenoud (2000), como sendo aquela que desenvolveria competências através de um trabalho com os problemas e projetos, propondo tarefas e desafios que estimulem o próprio aluno a mobilizar seus conhecimentos. O que para os percursores dessa concepção pedagógica (escolanovista) pressupões o uso de métodos ativos, cooperativos, voltados para a valorização da cultura popular, os saberes locais. Aliás, entendem os escolanovistas assim como outras concepções do “aprender a aprender”, que os professores devem parar de pensar que dar aula é o cerne da sua profissão. A partir desse entendimento, defendem que ensinar deveria simplesmente consistir em conceber, encaixar e regular situações de aprendizagem mediante os princípios pedagógicos ativos e construtivistas.

Portanto, não é por acaso que Duarte (2001), inclui a pedagogia por competências no grupo das pedagogias do “aprender a aprender”, juntamente com o construtivismo, a Escola Nova, as concepções que se embasam no pensamento do “professor reflexivo”, só para citar alguns exemplos.

Ora, as chamadas pedagogias do “aprender a aprender” articuladas às ideias da adaptabilidade e do discurso da empregabilidade, não aparecem ao acaso, pois surgem em um contexto educacional cuja essência é de alterar as concepções a volta dos atos de ensinar e de aprendizagem, resultando na definição de posturas pedagógicas que atendam aos interesses de um projeto da sociedade capitalista no âmbito da crise estrutural, como refere (MÉSZÁROS, 2002), bem como a reestruturação dos meios de produção levada a cabo pelo capital, como uma estratégia de assegurar a permanente acumulação de bens pela classe dominante.

No que concerne a essas pedagogias hegemônicas, Duarte (2001) apresenta quatro posicionamentos valorativos, quais sejam: i) é mais significativo aquilo que o indivíduo aprende sozinho, sem que ocorra a transmissão por outras pessoas; ii) o mais importante no aluno é desenvolver um método que aquisição, descoberta, elaboração e construção de conhecimentos, do que esse aluno apropriar-se do próprio conhecimento científico já sistematizado; iii) são os interesses e as necessidades do indivíduo que devem impulsionar e dirigir a sua aprendizagem; e iv) a educação deve se adequar às transformações da sociedade, daí, proporcionar ao indivíduo a capacidade de adaptar-se à sociedade em constante processo de transformação.

Portanto, as teorias do aprender a aprender acreditam que esses posicionamentos, a educação estaria cumprindo sua tarefa de proporcionar as competências e habilidades necessárias para assegurar a inclusão do indivíduo na sociedade capitalista. Caberia, então a cada indivíduo empenhar-se de modo a desenvolver as características exigidas para que este

alcance os patamares da empregabilidade ou, mesmo, impor-se como um empreendedor no mercado de trabalho. Uma clara educação utilitarista.

Ademais, em sua crítica às pedagogias do “aprender a aprender”, Duarte (2001) apresenta cinco do que considera de principais ilusões da chamada sociedade de conhecimento. Dentre as ilusões o destaque vai para:

- i) Primeira ilusão: O conhecimento nunca esteve tão acessível como hoje, ou seja, vivemos numa sociedade na qual o acesso ao conhecimento foi amplamente democratizado pelos meios de comunicação, pela informática, pela Internet, etc.
- ii) Segunda ilusão: A capacidade para lidar de forma criativa com situações singulares no cotidiano ou, como diria Perrenoud, a habilidade de mobilizar conhecimentos, é muito mais importante que a aquisição de conhecimentos teóricos, especialmente nos dias de hoje, quando já estariam superadas as teorias pautadas em metanarrativas, isto é, estariam superadas as tentativas de elaboração de grandes sínteses teóricas sobre a história, a sociedade e o ser humano.
- iii) Terceira ilusão: O conhecimento não é a apropriação da realidade pelo pensamento mas, sim, uma construção subjetiva resultante de processos semióticos intersubjetivos nos quais ocorre uma negociação de significados. O que confere validade ao conhecimento são os contratos culturais, isto é, o conhecimento é uma convenção cultural.
- iv) Quarta ilusão: Os conhecimentos têm todos o mesmo valor, não havendo entre eles hierarquia quanto à sua qualidade ou quanto ao seu poder explicativo da realidade natural e social.
- v) Quinta ilusão: O apelo à consciência dos indivíduos, seja através das palavras, seja através dos bons exemplos dados por outros indivíduos ou por comunidades, constitui o caminho para a superação dos grandes problemas da humanidade. Essa ilusão contém uma outra, qual seja, a de que esses grandes problemas existem como consequência de determinadas mentalidades. As concepções idealistas da educação apoiam-se todas nessa ilusão (DUARTE, 2001, p. 38).

Percebe-se que as ilusões acima mencionadas e que são características das pedagogias do aprender a aprender estão carregadas de idealismos que ocultam a sua essência, desvirtuando o trabalho educativo voltado para o ato de ensinar os conhecimentos nas suas formas mais desenvolvidas.

Nesta senda, concordamos com Duarte (2008) o pensamento realístico de que a educação escolar deve desenvolver no indivíduo a autonomia intelectual, a liberdade de pensamento e de expressão, a capacidade e a iniciativa de buscar por si mesmo novos conhecimentos. Porém, isso não significa que o papel do professor de ensinar os conteúdos deva sofrer qualquer alteração, pois este sempre estará na condição de quem ensina e o aluno na condição de quem aprende.

Ademais, a análise ontológica que a Pedagogia Histórico-Crítica traz à tona é o fato de que as chamadas pedagogias do “aprender a aprender” procuram estabelecer um valor hierárquico na qual o ato de aprender sozinho situa-se em um nível mais elevado em detrimento da lógica de aprendizagem que resulta da transmissão de conhecimentos por outra pessoa, no caso, do professor para o aluno.

Entendemos ser possível desenvolver uma educação por meio da transmissão das mais elevadas e desenvolvidas formas de conhecimento socialmente construído ao longo da história

da humanidade, estabelecendo um processo educativo que potencie a objetivação da autonomia intelectual e moral.

Enquanto nas pedagogias do “aprender a aprender” o aluno vai se preocupando mais com a forma (como aprender?), na perspectiva da PHC, da qual comungamos, por meio da atividade docente, o aluno se preocupa mais com a apropriação dos conhecimentos (o que aprender?) e do movimento real, o qual conduz a construção dos saberes descobertos e sistematizados ao longo da história da humanidade, para daí apropriar-se também da forma (método científico), sem deixar de vista todo contexto que vai permitir que essa aprendizagem ocorra (em que contexto?), assim como a finalidade dessa aprendizagem (para quê aprender?).

É importante pontuar que as pedagogias do “aprender a aprender”, consideram que para que a ação do aluno seja verdadeiramente educativa deve ser impulsionada e dirigida mediante os interesses da própria criança. Entretanto, é preciso perceber que há tendências ideológicas ocultas por trás dessas concepções pedagógicas que carregam discursos modistas e cheios de romantismo e fetichismo. É o esvaziamento de conteúdos escolares, a descaracterização da função do professor e do papel social da escola. Haja vista que, é a classe dominante quem tem o poder de definir as políticas públicas, incluindo os currículos educacionais e estratégias da sua implementação. E uma vez que não é do seu interesse que a classe trabalhadora tenha o acesso ao conhecimento elaborado, que lhe permita apreender a essência dos fenômenos, analisando-os criticamente e agindo adequadamente em prol do seu bem-estar, e para contornar a isso, a burguesa define concepções teórico-pedagógicas que desviam a atenção e o cumprimento do papel social da escola, tendo como finalidade manter as desigualdades sociais.

Importa aqui destacar que, com as pedagogias do “aprender a aprender” deixa-se grande parte da função educativa nas mãos da própria criança/aluno. Nesse caso, para além do aluno ter a responsabilidade de buscar por si mesmo o conhecimento e nesse ato construir o seu próprio método de conhecer, a pedra angular desse mesmo processo gira em volta da atividade cotidiana e espontânea do aluno.

Portanto, num cenário destes, a realidade mostra que a criança/ aluno por si sempre buscará aquilo que for mais fácil para ele, tudo na superficialidade, na espontaneidade, no empírico, no mediatismo, e dessa forma, deixando ao sabor do aluno dificilmente se chega ao aprofundamento clássico e necessário para propiciar o desenvolvimento das complexas funções psíquicas.

Essa forma de encarar a prática educativa descaracteriza a função do professor, colocando-o na condição de um simples acompanhante. Na mesma esteira, o novo paradigma da formação de professores, paradigma reflexivo, assume como preocupação a preparação de



um profissional para a ação reflexiva da prática pedagógica, cujas competências essenciais são: o saber analisar, saber refletir, saber decidir e saber justificar, características próprias das pedagogias do “aprender a aprender”. Entendemos que a ação do professor não deve cingir-se a isso, pois o professor tem uma função fundamental no desenvolvimento das mais elevadas objetivações intelectuais do aluno, tanto ele precisa sim socializar o conhecimento mais elaborado.

As pedagogias do PAA ao colocar a criança/aluno como o responsável da sua própria aprendizagem, para além de estar abrindo a mão do papel do professor, está também deixando na criança/aluno a responsabilidade de decidir sobre o que lhe interessa ou não aprender. É sobre isso adverte Saviani (2011, p. 81), que “nem sempre o que a criança manifesta à primeira vista como sendo de seu interesse é de seu interesse como ser concreto, inserido em determinadas relações sociais”. Sucede que, o fato das pedagogias do aprender a aprender serem regidas pelos ideais do capital, torna impossível enxergarem os indivíduos em sua forma concreta, isto é, como síntese de múltiplas determinações, e que estão inseridos num contexto na qual são ao mesmo tempo parte movente e movida, enquanto sujeitos históricos.

Paradoxalmente, para não correr o risco de adentrar nas profundezas do cotidiano alienado, essas concepções hegemônicas limitam-se a tratar a realidade de maneira empírica. Ademais, ao defender que na educação escolar o processo de aprendizagem seja direcionado pelos “interesses e necessidades” do aluno, que por sua natureza estão apresentam-se de forma alienada, estão atendendo aos interesses e necessidades do capital, os quais são os principais beneficiados pela obsolescência e anulação das possibilidades de uma visão crítica das relações sociais.

É com base na ação do professor que deve conduzir intencionalmente o processo educativo no sentido de levar o aluno a elevar o nível de desenvolvimento da sua consciência, garantindo a formação da imagem subjetiva da realidade concreta. Para a PHC, isso se impõe como elemento nuclear tanto na análise do desenvolvimento do psiquismo, quanto na análise da interveniência da educação escolar, uma vez que incide diretamente na formação dessa imagem conferindo-lhe um tipo especial de inteligibilidade.

Ademais, defender que a escola deve proporcionar um processo educativo onde os alunos sejam capazes de desenvolver a formação da imagem subjetiva da realidade concreta é um dos pressupostos importantes na educação escolar, constitui um dos cernes, e um dos pontos de intersecção entre a Pedagogia Histórico-Crítica e a Psicologia Histórico-Cultural, como refere Martins (2011), em “O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica”. O que se nota é um

esvaziamento de conteúdos escolares em nome de um suposto desenvolvimento de capacidades e habilidades de aprender a aprender. O que na essência constitui uma estratégia de criar indivíduos acríticos e que somente se adaptam aos ritmos do mercado capitalista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos neste estudo a essência das pedagogias do “aprender a aprender”, isto é, os aspectos essenciais e as tendências por detrás dessas pedagogias hegemônicas e pós-modernas que embasam os processos de formação de professores.

Com base nos fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica a análise desse objeto nos leva a conclusão de que, por trás das pedagogias do “aprender a aprender” as quais apresentam modismos, romantismos, e outros discursos que supostamente favorecem a aprendizagem das crianças/alunos, na essência não passa de uma estratégia de esvaziar dos conhecimentos científicos e desvalorizar a sua transmissão, em nome da defesa do aprender a aprender e da valorização da prática cotidiana, do conhecimento empírico, do saber espontâneo que caracteriza a cotidianidade alienada.

Essa forma de conceber o trabalho educativo tem suas consequências, não somente para os processos de formação do indivíduo/ aluno, como também, para os processos de formação do professor. Pois, uma vez que o professor não precisa ensinar os conteúdos escolares, então também acaba tendo lugar a ideia de que sua formação deva apenas estar voltada a construção de competências do saber fazer, a partir dos problemas cotidianos, suas experiências e necessidades individuais, em detrimento de uma formação omnilateral que valoriza a transmissão de conhecimento escolar pelo professor, e sua apropriação pelos alunos.

Desta forma, concordamos com a linha proposta pela Pedagogia Histórico-Crítica, na qual defende que os processos formativos devem propiciar o pleno desenvolvimento cognitivo e a plena humanização por meio dos conhecimentos escolares, que são o elemento *sine qua non* para a elevação da sua imagem subjetiva da realidade concreta, a partir da qual o indivíduo torna-se capaz de ter uma visão crítica de mundo e até de mudar a realidade, na luta pela dignidade humana, e a superação da alienação que caracteriza a sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, N. **Vigotski e o “Aprender a aprender” crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana**. 2. ed. rev. e ampl. — Campinas, SP: Autores Associados, 2001.



DUARTE, N. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. 1ª ed., I reimpressão - Campinas, SP: Autores Associados, (-Coleção polêmicas do nosso tempo, 86), 2008.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar:** contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição.** Trad. Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo, Editora da UNICAMP/BOITEMPO Editorial, maio de 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.

PERRENOUD, P. A Arte de construir competências. **Revista Nova Escola.** São Paulo, Abril Cultural, set. 2000.

ROSSI, R. Currículo e Formação de Professores: uma Abordagem Histórico-Crítica. **Revista GESTO-DEBATE,** Campo Grande - MS, vol. 22, n. 08, p. 146-160, jan/dez 2022.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.